

1. Introdução

Partindo do princípio de que não se pode considerar um texto essencialmente original, mas que ele é um mosaico de outros textos com os quais mantém uma relação semântica, procuramos, então, desvelar essa intertextualidade no *corpus* profético. É sob essa perspectiva dialógica que se deve buscar o sentido do texto, analisando unidades, estabelecendo comparações, codificando mensagens. Nesse sentido, esta tese fundamentou-se em dois pilares: na análise do discurso e na sucessão temporal.

Nos últimos anos, a teoria da intertextualidade, sobretudo a de Júlia Kristeva, revolucionou os estudos literários, uma vez que ela refutou os modelos históricos de influência literária utilizados pelos exegetas. Dessa maneira, Kristeva possui uma concepção dinâmica do texto literário, concebendo-o como uma realidade translinguística, ou seja, como o lugar de *encontro* com outros textos, sejam anteriores, sejam contemporâneos. Na sua visão, nenhum texto pode ser lido isoladamente, pois uma obra sempre se conecta à outra pela convergência temática.

Todo texto é, assim, absorção de uma multiplicidade de outros textos, constituindo “um mosaico de citações”. Toda seqüência textual se faz em relação a uma outra, proveniente de um outro *corpus*, de modo que toda seqüência está duplamente orientada: para o ato de reminiscência (evocação de outra escrita) e para o ato de intimação (transformação dessa escritura). Isso ocorre porque todo escritor é também leitor, passa pelo processo de assimilação de outras leituras, que refletem em sua obra. Dessa maneira é visto como um *atualizador da memória literária*. Sendo assim, a escrita literária não é mais do que uma releitura do *corpus* já existente¹. Em outras palavras, Kristeva demonstra que o ponto-chave da intertextualidade é a inter-relação dos conteúdos, que resulta na intersecção das palavras. O caráter dialogal da palavra tem um profundo efeito no discurso envolvido na interação. Assim, a intertextualidade garante o intercâmbio entre as

obras literárias distinguindo-as, por essa razão, de originalidade e unicidade textual.

A partir de Kristeva, “texto” passa a ser entendido como o evento situado na história e na sociedade, que não apenas reflete uma situação, mas *é* essa própria situação, apagando linhas divisórias entre as disciplinas e constituindo um cruzamento entre diferentes superfícies textuais e em distintas áreas do saber científico e da esfera artística. Pelo seu modo de escrever, lendo o *corpus* literário anterior ou sincrônico, o autor vive na história, e a sociedade se escreve no texto. Isto quer dizer que o texto está relacionado a outro texto e é de algum modo afetado por ele.

Em suma, um texto é voz que dialoga com outros textos, mas também funciona como eco de outras vozes de seu tempo, da história de um grupo social, de seus valores, crenças e preconceitos, medos e esperanças. O texto torna-se, então, um espaço de confluência de diversas vozes, dinâmico do qual o leitor participa. Segundo Kristeva, o papel do leitor é mais importante do que o do escritor porque este desaparece na intertextualidade, enquanto aquele constrói o significado textual não de forma isolada, mas no diálogo com outros textos. Essa interação dialogal permite ao leitor dinamizar o processo interpretativo e realizá-lo como co-autor na medida em que ele se insere na obra.

Um número crescente de estudos nessa área se desenvolveu pouco a pouco a partir de Gérard Genette². O autor trabalha com o conceito de *transtextualidade*, o qual se refere a “tudo o que coloca um texto em relação, manifesta ou secreta, com outros textos”. Em outros termos, um texto é um emaranhado de relações não somente intertextuais, mas também interdisciplinares. Genette classifica tais relações de transtextuais em cinco tipos: (1) a *intertextualidade* – presença efetiva de um texto em outro; (2) a *paratextualidade* – relação menos explícita e mais distanciada, pois inclui título, subtítulo, notas marginais, notas de rodapé, e tantos outros sinais que cercam o texto; (3) a *metatextualidade* – é a relação em forma de comentário que une um texto a outro texto ainda que não haja citação evidenciando a relação crítica como paradigma; (4) a *hipertextualidade* – supõe a existência de um texto (texto A – hipotexto) em função do qual se estrutura outro

¹ Cf. KRISTEVA, J. *Sêmêiôtikê: Recherches pour une sémanalyse*, Paris: Coleção Points-Essai, Éditions du Seuil, 1969, p. 115,120-121.

² Cf. GENETTE, G. *Palimpsestes. La Littérature au second degré*, Paris: Seuil, 1982, p. 8-12.

texto (texto B – hipertexto), que se efetua tanto por derivação como por transformação; (5) a *arquitecturalidade* – é mais abstrata já que é mais implícita que as anteriores, é articulada pela autodeterminação do gênero a que o texto pertence; a hermenêutica do texto não tem regras vinculantes.

O objetivo da poética literária seria o de estudar a transtextualidade que envolve vários tipos, sendo um deles a própria intertextualidade - o único termo que será empregado na análise que se segue.

A intertextualidade rompe a linearidade da leitura, uma vez que permite as manifestações de outros textos presentes na memória do leitor que, por sua vez, "processa" o texto refletindo a respeito das idéias nele contidas. Assim, o leitor não é meramente um receptor de mensagens, mas “construtor” de significações, reage de maneiras diversas no ato da leitura: aceita, recusa, questiona, até mesmo muda seu comportamento em face das posições do autor, compartilhando ou não sua opinião. Portanto, pela leitura, ele constrói um novo sentido para o texto.

A intertextualidade se realiza através do diálogo de textos, seja pela citação direta de palavras-chave (*catchwords*) ou do plágio³. Sob esse aspecto, a intertextualidade não se configura pela dependência de um texto em relação ao outro, mas pelo contato literário, que possibilita outras leituras do texto original. De fato, os narradores bíblicos construíram as suas histórias em diálogo com as composições existentes dos ouvintes, entretanto, o processo da intertextualidade depende também dos fatores lógicos e dos socioculturais. O diálogo da linguagem é, portanto, o diálogo dos tempos e das épocas, sendo muito mais do que uma seqüência de enunciados. Cada estilo de texto envolve conteúdo, função social, organização lingüística e componentes estruturais específicos, os quais o definem e o diferenciam dos demais. Intencionalidade e situacionalidade são condições relacionadas à produção textual. O texto insere em uma determinada situação, sendo muitos os elementos lingüísticos que funcionam como indícios para a relação que é estabelecida entre texto e contexto⁴. O processo de compreensão é

³ Nogalski diz que “the book of the Twelve exhibits at least five different types of intertextuality: quotations, allusions, catchwords, motifs, and framing devices”. Cf. NOGALSKI. *Intertextuality and the Twelve*. In: *Forming Prophetic Literature, Essays on Isaiah and the Twelve in Honor of John D. W. Watts*. eds. James W. Watts and Paul R. House, Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996, 103. Ver também MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y. *La Bible se raconte: initiation à l'analyse narrative*. Paris: Cerf, Genève: Labor et Fides, 1998, p. 136.

⁴ Jaeggli confirma que um componente importante da compreensão da mensagem para a audiência original é a análise contextual. Sem o processo da contextualização, o intérprete pode fazer um

favorecido pelo conhecimento do mundo e se realiza por meio da construção textual, da articulação entre os elementos do texto e do estabelecimento da continuidade de sentido.

Dessa maneira, pode-se dizer que o texto é um produto de criação coletiva, já que um primeiro discurso se manifesta ao lado de um coro de outras vozes que já trataram do mesmo tema e com as quais se põe em acordo ou desacordo. Assim, para se definir diante de determinado assunto, o autor do texto considera as idéias de outros "autores", com quem dialoga.

Podemos afirmar que as narrativas bíblicas são produtos de uma comunidade ou de reflexão profunda do indivíduo, de sua experiência religiosa acerca da proteção de Deus em sua vida. Tudo se tornou história; a história-texto, e o texto-cânone que são variáveis e dependem do texto bíblico que temos em mente.

Assim, é preciso, verificar o contexto bíblico buscando ajustar a variedade dialetal ao momento e lugar da comunicação e o objetivo do discurso. Estes dados situacionais vão influir tanto na produção quanto na compreensão textual.

Enquanto a pesquisa tradicional centraliza-se no autor, as novas tendências voltam-se para o próprio texto e os receptores, ou seja, importa a compreensão dos "significados": *o que o texto possui e como o leitor o concebe*. Para isso é necessária a leitura atenta e a observação crítica das relações inerentes aos textos

Dessa forma, cada abordagem ou aproximação captada no texto já é um diálogo. Em muitos casos fica difícil determinar a sucessão cronológica de alguns textos bíblicos. Todavia, partindo da compreensão sincrônica do texto, estabelece-se a conexão com o texto primitivo, ou seja, em vez de focalizar o texto bíblico diacronicamente, o estudioso bíblico atua como o orquestrador deste diálogo, trazendo as várias vozes na dimensão sincrônica. É importante notar que a

texto bíblico significar, segundo o autor qualquer coisa que ele queira. Na opinião do autor, há várias camadas de contexto: o contexto imediato dentro de um parágrafo; a relação de parágrafos dentro de uma perícopes; o desenvolvimento das perícopes em uma seção; e a contribuição macroscópica da seção no total da mensagem de um livro. Mantendo a grande perspectiva do texto, o intérprete pode se posicionar através dos detalhes exegéticos por ele determinados. Cf. JAEGGLI, R. J. *The Interpretation Of Old Testament Prophecy*. *DBSJ* 2, Fall, 1997, 3-17, p. 8.

natureza sincrônica da conversação não significa que nenhuma atenção é dada a particularidade histórica e cultural de cada voz⁵.

Nessa perspectiva, o texto de Miquéias será comparado a outros do AT, a fim de verificar as convergências. Essa avaliação vai permitir a valorização do texto de Mq 7,8-20, explorado nas suas múltiplas relações.

Neste trabalho, privilegamos o estudo do profeta Miquéias em particular, e a sua relação com os outros profetas buscando reconhecer como elas ocorrem bem como suas .

Em um primeiro momento, os estudiosos não se basearam nas teorias da intertextualidade analisando os textos como simples unidades literárias. Entretanto, coube-nos nesta pesquisa avaliar essa posição e mostrar que há pontos de contato com os Doze livros proféticos.

Para a realização deste trabalho, (a análise de Mq 7,8-20) utilizamos as teorias da intertextualidade, ou seja, os contatos literários nos livros dos Doze Profetas Menores e o estudo da análise dos textos que provavelmente estão relacionados ao livro de Miquéias. Assim, tornam-se valiosas as contribuições de Kristeva⁶, que se fundam no discurso dialógico integrando os diversos elementos numa interpretação teológica.

Ao trabalhar a intertextualidade dos textos apresentados, empregaremos particularmente, em virtude de sua clareza e aplicabilidade, os critérios sintetizados e utilizados sugeridos por Markl⁷. O autor, ao analisar a relação existente entre o livro de Habacuc e outros textos vétero-testamentários, tece algumas considerações de ordem metodológica; discute exemplos de textos bíblicos identificando os estágios em sua história literária. Baseando-se na obra de M. Pfister⁸, que apresenta alguns critérios para delimitar o conceito de intertextualidade, Markl tematiza cinco critérios, cujo grau de ocorrência na

⁵ Cf. NEWSOM, C. A., “Bakhtin, the Bible, and Dialogic Truth”, 305. *The Journal of Religion* University of Chicago, Divinity School. *The Bible and Christian Theology* 1996, vol. 76, no 2 (ref. et notes dissem.), pp. 290-306.

⁶ Cf. KRISTEVA, J., *Séméiôtikê: Recherches pour une sémanalyse*, (Tle Quel), Paris, Seuil, 1969. Conferir também os artigos de G. Aichele – G. A. Phillips, Introduction: Exegesis, Eisegesis, Intergesis, *Semeia* 69-70 (1995), 7-18 e K. Nielsen, *Intertextuality and Hebrew Bible*, pp.17-31.

⁷ Cf. MARKL, D., “Hab 3 in intertextueller und kontextueller Sicht”, *Bib* 85 (2004) 99-108.

⁸ M. Pfister, “Konzepte der Intertextualität”, in U. Broich (Hg.), *Intertextualität. Formen, Funktionen, anglistische Fallstudien* (Tübingen 1985) 1-30 (esp. 26-30). Cf. também: J. Oesch, “Intertextuelle Untersuchungen zum Bezug von Offb 21,1-22,5 auf alttestamentliche Prätexte”, *Protokolle zur Bibel* 8 (1999) 41-74 – utilizou os critérios de Pfister na análise de textos bíblicos.

comparação de textos indica sua maior ou menor relação⁹. São eles: o grau de *referência* temática – em que medida um texto espelha o outro quanto ao tema; o modo como um texto se *comunica* com outro – utilização de termos, expressões, construções; a ocorrência de semelhança de função dentro da *estrutura* dos textos em questão; a *seletividade* – qual a proporção do uso das palavras entre os textos e em relação aos textos restantes; o *diálogo* – em que medida os contextos dos textos se relacionam no aspecto semântico e de pensamento. O autor nota ainda que a maior probabilidade de verificação da intertextualidade dá-se nos seguintes pontos: quanto menor é a frequência dos elementos lingüísticos (comum aos dois textos) na Bíblia, maior é seu número entre dois textos; sobretudo quando há termos e expressões que são utilizados somente entre os dois textos (“exklusive Verbindungen”).

Neste trabalho, serão apontadas várias características integradoras e temas repetidos que conectam unidades que se encontram em seqüência no arranjo, e, algumas vezes, aquelas que estão em partes diferentes do livro. As unidades estão, na maioria dos casos, organizadas de acordo com o estilo e assunto. As passagens estão colocadas em seqüência para que suas mensagens contrastantes, ou complementares, possam ser ouvidas em relação umas com as outras¹⁰.

Há ainda uma possível inter-relação entre os livros proféticos a partir de indícios formais. No entanto, estas relações não são vistas como processo redacional. Deveríamos então, observar as diversas inserções que criaram estruturas, relações temáticas e verbais entre os livros. Assim, as qualidades literárias dos textos merecerão uma maior atenção.

Este estudo é dividido em três partes. O primeiro capítulo apresenta o estado da questão sobre a unidade do *corpus* profético. A situação atual em que se encontram as pesquisas relativas ao tema – a unidade dos Doze – nos propicia explorar as implicações das tradições antigas que tratam estes pequenos escritos como um único corpo. A prioridade, nesta etapa, é descrever e entender os

⁹ O autor não considera o sexto critério – “Autoreflexividade”, que indica um erro na relação de intertextualidade –, pois ele dificilmente se encontra na Bíblia, apesar de presente na literatura recente e atual.

¹⁰ Até aproximadamente o início dos anos 90, os livros proféticos – excetuando-se alguns poucos casos – eram considerados geralmente como outras escrituras proféticas do Antigo Testamento, sem ao menos cogitar-se na possibilidade de que, talvez pelo menos em níveis redacionais posteriores, eles poderiam ser entendidos e lidos numa mesma contextualização uns com os outros.

principais estudos internacionalmente reconhecidos, assim como a ordem dos Livros Proféticos no TM, LXX e 4QXII^a.

O segundo capítulo examina a organização e constituição do capítulo final de Miquéias. Será apresentada uma análise textual, filológica e semântica. O estudo do texto de Mq 7,8-20 tem o objetivo de discernir as suas principais temáticas. Deve-se ainda examinar a uniformidade literária do respectivo texto, o estudo da sua unidade para ver como se integra à parte final do livro de Miquéias.

O capítulo final examina o texto de Mq 7,8-20 junto a outros textos proféticos sob o aspecto da intertextualidade. A análise intertextual permite evidenciar e estreita ligação entre os livros que circundam o livro de Miquéias. Teremos como objeto de nosso trabalho os livros proféticos segundo o TM.

A conclusão ficará por conta de uma avaliação sobre as etapas principais deste estudo e seus resultados.